
Pela quarta vez, elas no topo: reflexões sobre os modos nos quais poetisas negras se definem, avaliam e resistem¹

Maria Fernanda de Oliveira Ruas – UFMG²
Abraão Filipe Marques de Oliveira – UFMG³

Resumo

Este trabalho analisa como mulheres negras, periféricas e poetisas se autodefinem, a partir da música Poetisas no Topo 4. Ali, elas se apresentam propondo novas narrativas sobre suas existências. A partir de conceitos como dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), necropolítica (Mbembe, 2016) e epistemicídio (Carneiro, 2023), enquadrando as figuras da mãe preta, mucama e mulata (Gonzalez, 2020) e investigamos como essas mulheres respondem às violências históricas com estratégias de resistência. Utilizamos a roleta interseccional (Carrera, 2021) como metodologia, com foco em raça, gênero e maternidade e tensionamos a obra às três figuras acionadas. Concluímos que essas artistas constroem mulheridades livres, potentes e insubmissas, rompendo com papéis coloniais e afirmando a autodefinição e avaliação de suas histórias.

Palavra-chave: interseccionalidades; rappers; feminismos negros; resistências; Poetisas no Topo.

Resumo expandido

Mulheres negras têm, historicamente, ocupado um lugar marginalizado, estabelecido por um acúmulo de violências, que partem do racismo, sexismo, classismo e transfobia (Gonzalez, 2020; Nascimento, 2021). Com base nesse argumento, este trabalho tem como objetivo compreender como, ao depositarem suas vivências em suas músicas, mulheres negras, poetisas e periféricas, se autodefinem e, com isso, propõem outras narrativas acerca das complexidades de suas existências. Para que possamos compreender isso, recorreremos à música Poetisas no Topo 4⁴, que conta com versos das artistas Clara Lima, Luedji Luna, Cynthia Luz, Boombeat, Negra Li, Azzy e Duquesa.

Teoricamente, acionamos a noção de dispositivo de dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), que utiliza dois mecanismos centrais para o seu estabelecimento: a necropolítica (Mbembe, 2017) e o epistemicídio (Carneiro, 2023). Considerando a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). E-mail: amaferuas@gmail.com.

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: abfilipe@gmail.com.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AURuXiDAmml>. Acesso em 20 de jun. de 2025.

necropolítica enquanto uma condição de extermínio físico/material, que é marcado pela construção da escassez do básico para a sobrevivência – um movimento facilmente observado nas periferias urbanas e sociais brasileiras –, e o epistemicídio enquanto o esvaziamento do ser, um apagamento simbólico, pensamos as mulheridades negras e marginalizadas brasileiras como lugares estabelecidos sob um prisma que às fixa em um lugar suscetível à vulnerabilidade.

Para nos ajudar a pensar sobre isso, mobilizamos as figuras ideologicamente atribuídas a essas sujeitas, que são descritas por Lélia Gonzalez (2020) como mãe preta, mulher escravizada responsável pelo cuidado das crianças brancas da casa grande; a mucama, submissa e responsável pelo trabalho doméstico desse mesmo lugar; e a mulata, mulheres que submetem seus corpos à exploração sexual, com o objetivo de alcançar alguma ascensão. Nesse caminho, para além das violências às quais essas sujeitas são fixadas, não podemos deixar de considerar as estratégias de resistência que elas mobilizam. Frente a isso, pensamos na autodefinição e auto avaliação, propostas por Patrícia Hill Collins (2019) e, ainda que não nesses termos, também, mencionada por Gonzalez (2020).

Metodologicamente, considerando a pluralidade que compõe fenômeno abordado, optamos pelo uso da roleta interseccional (Carrera, 2021) e, a partir dela, pensamos em três hastes: raça, dissidência de gênero e maternidade – todas atuam como lentes que nos ajudam a observar as peculiaridades das vivências acionadas e não se configuram hierarquicamente. A dimensão racial negra é a única atua como critério de inclusão e exclusão, considerando o objetivo do nosso trabalho, e, para essa construção, recorreremos à autodeclaração e, no caso de ausência desse movimento, temos a heteroidentificação – uma busca que extrapola o contexto da música que analisamos. A partir disso, transcrevemos a obra e nos dedicamos a identificar as “respostas” tecidas por essas mulheres ao que nos dizem essas figuras. Frente a isso, analisamos os trechos elaborados por Clara Lima, Luedji Luna, Boombeat, Negra Li e Duquesa.

Em linhas gerais, concluímos que, como resposta às figuras da mãe preta, da mucama e da mulata, surgem mulheres negras e livres, que constroem sua independência nas ruas, longe das casas-grandes. Há entre elas um gesto comum de luta por empoderamento coletivo e por acessos – materiais e simbólicos – que superam o lugar subalterno historicamente imposto aos seus corpos. Também observamos

mulheres negras como mães de seus próprios filhos, protagonizando a maternagem em seus próprios lares. Há, também, um movimento de construção de mulheridades que se aproximam mais das escravas de oito (Gonzalez, 2020): mulheres guerreiras, que rejeitam a deslegitimação, que gostam de si, que existem além da sexualização e das amarras do racismo, do machismo e da transfobia. São mulheres que acreditam em si mesmas, enfrentam o medo, se colocam em movimento e hoje escolhem se definir por si mesmas.

Referências

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhiadas Letras, 2023.

CARRERA, F. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2198. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>. Acesso em: 02 jun. 2025.

COLLINS, P. **Pensamento feministanegro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo editorial, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano:** Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & ensaios**, n. 32, p. 122-151, 2016.

NASCIMENTO, Leticia Carolina do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaira, 2021